



Foto Reginaldo Manente

Ex-ministro quer evitar o sacrifício "caótico"

Simonsen pede ao País um 'sacrifício planejado'

"Há uma crise econômica no País? Há. Há uma saída possível? Há. A saída envolve sacrifícios? Envolve. Mas o sacrifício planejado é sempre menos doloroso que o sacrifício caótico". O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, travou esse diálogo consigo mesmo numa palestra proferida ontem durante almoço promovido pela ABA - Associação brasileira de Anunciantes.

Uma maneira de planejar o sacrifício, apontada pelo ex-ministro, é expurgar os índices oficiais contra os aumentos de preços decorrentes de retirada de subsídios ou de prejuízos provocados por fatores acidentais, como as recentes chuvas. Simonsen aprova, em linhas gerais, os critérios de expurgo anunciados pelo governo, embora lamente que a medida não tenha sido adotada junto com o pacote, há quinze dias. "Desindexação serve para evitar que a inflação suba para um patamar superior, mas isso já ocorreu. Talvez não seja eficiente para reduzir as taxas dos patamares em que se instalaram", afirmou.

CORTAR GASTOS

A desindexação é uma das principais reformas que o ex-ministro de Planejamento aponta como saída para a atual crise. Outra reforma importante recomendada por Simonsen é o corte dos gastos públicos, tanto dos investimentos como do custeio, para reduzir o déficit público. Enquanto houver três orçamentos, dificilmente será possível controlar o déficit porque não se consegue nem mesmo quantificá-lo

corretamente. Para solucionar esse problema, o ex-ministro recomenda a unificação dos orçamentos.

O orçamento único deveria ser aprovado pelo congresso para que a sociedade decidisse o grau de sacrifício que está disposta a aceitar. Além disso, só nesse esquema se faria uma distribuição democrática dos sacrifícios. "Sacrifícios distribuídos aleatoriamente nem sempre são justos e tendem a se perpetuar", advertiu Simonsen.

INVESTIR MAIS

As palavras do ex-ministro do Planejamento, que preferiu o improviso à leitura fiel do texto preparado previamente, apontaram em direção oposta à que havia sido sugerida pouco antes pelo presidente da ABA, Eugênio Seller.

"A palavra crise instalou-se nas empresas, nos lares e nas ruas. E, como resposta a essa situação, muitos têm optado pela diminuição de seus investimentos, seja demitindo funcionários, seja cortando outras despesas e, até mesmo, os investimentos publicitários. Tudo isso por pensarem ser esta uma medida sensata para superar essa difícil situação", disse o presidente da ABA. Insistiu em que, "no meu entender, este não é o melhor remédio para colocar um doente de pé".

Seller, ou porque desconhecia o teor da palestra que Simonsen faria a seguir, ou porque preferiu enfatizar seu ponto de vista radicalmente oposto ao de seu convidado, afirmou ainda: "O importante não é diminuir os investimentos, mas controlar e avaliar o retorno deles".